

## Ídolos e amuletos e outros objectos

No Judaísmo, no Islamismo e na vertente protestante do Cristianismo o uso dos ídolos, ícones ou estátuas representando materialmente uma entidade espiritual ou divina é proibido, como forma de evitar a idolatria, ou seja, para evitar que se dê a adoração da própria imagem (pintura ou escultura) e a crença nos seus poderes, por associação com o ser espiritual assim representado.

Mas em muitas outras religiões, incluindo a Igreja Católica e a Ortodoxa, o Budismo, o Hinduísmo e muitas religiões de carácter animista, este problema não se levanta de forma significativa, podendo mesmo ser uma expressão favorecida pelos respectivos sacerdotes. Para as igrejas cristãs referidas, por exemplo, a veneração das imagens é distinta da idolatria, sendo as imagens meras representações daqueles a quem as orações são direccionadas, e tendo como objectivo facilitarem o despertar da fé e a concentração. No entanto, algumas dúvidas se podem levantar quanto a se esta distinção existe na prática entre os seus inúmeros fiéis e se estes sabem realmente discriminar as duas posturas ou se acabam a cultuar estátuas da Virgem e dos santos, por exemplo, como milagreiras em si mesmas, vestindo de novas roupagens e dando outros nomes aos antigos deuses pagãos pré-cristãos e a práticas animistas ancestrais.

E mesmo que se afirme que Deus está no nosso interior, que Deus está em todo o universo (ou para além dele) ou que o seu corpo constitui toda a igreja (sacerdotes e fiéis), expressões estas mais abrangentes e menos concretas do que as meras estátuas, haverá sempre quem pense que Deus está num certo canto da igreja ou que more na igreja, sua casa, e não no coração de cada um nem sobre a Criação.

As religiões vencedoras sempre souberam adaptar tudo o que não conseguiram eliminar nas religiões vencidas; Ísis está presente na Virgem Maria e tantos heróis lendários pagãos adoptaram nomes e identidades de santos míticos católicos que, porventura, nem sequer existiram, à semelhança da adaptação das festas pagãs a festas cristãs, por exemplo.

E, apesar de nenhum fundador de uma religião ter iniciado o culto de imagens, com o passar do tempo este tipo de adoração tem tendência a desenvolver-se junto das massas de fiéis, a não ser no caso dos muçulmanos e judeus, onde os próprios profetas tiveram sempre uma palavra radical quanto ao uso de estátuas, e dos protestantes que procuraram retomar a pureza inicial do cristianismo, livre de usos menos cristãos. Por outro lado, C. Leadbeater<sup>1</sup> escreveu que os ídolos foram usados em religiões como o Budismo e o Hinduísmo como forma de centramento e acumulação de energias para serem depois irradiadas para as comunidades, o que facilmente é corroborado ao se perceber a carga energética presente numa estátua num templo hindu ou budista.

Já com o Cristianismo o ponto central da acumulação e distribuição das energias espirituais foi

---

<sup>1</sup> *O Lado Oculto das Coisas. Editora Pensamento.*

o próprio edifício, pois pela liturgia, em si uma obra de Alta Magia, é a própria igreja que se torna um centro irradiador de energia para a comunidade, sendo então dispensáveis os ídolos. É compreensível que a ausência de imagens para cultuar ou centrar a atenção favoreça o desenvolvimento do poder abstracto e a interiorização da Divindade é sempre muito útil ao desenvolvimento humano, embora também possa ser razoável o uso de ídolos como auxiliar de concentração em pessoas que disso necessitem especialmente.

Dum ponto de vista esotérico, independentemente da religião professada ou das capacidades de concentração manifestadas, há que ter em consideração que uma imagem, especialmente no caso de uma estátua, e particularmente se a entidade representada não corresponder a um ser espiritual elevado ou um profeta, mas antes a uma egrégora, elemental ou espírito desencarnado, cultuado como se de um ser divino verdadeiro se tratasse, pode tornar-se um centro acumulador de energia psíquica que pode ser aproveitado por uma entidade, que dela beneficie ou a ela seja fixada/ligada (por adoração, invocação, personificação), tornando-se posteriormente um ponto de influência ou contaminação. É, aliás, este o princípio básico do uso de estatuetas na feitiçaria; e uma das razões dos profetas judeus, por exemplo, terem proibido o uso de estatuetas, nomeadamente as representando seres humanos, pois muitos dos povos seus vizinhos recorriam abundantemente à feitiçaria com estátuas.

Por último, resta dizer que o problema da ligação de espíritos e entidades pouco evoluídas ou mesmo trevosas não se limita às estátuas, mas pode afectar todos os objectos que sirvam para rituais religiosos ou mágicos de baixo calibre ou que estejam associados a uma situação emocional forte e negativa. São disto exemplo os tabuleiros Ouija (usados para contactos com a Além), verdadeiros atractores de espíritos inferiores e elementais, e certas jóias associadas a episódios fatídicos e que carregam, como resultado, maldições.

Cada objecto em si é um transportador de energias, energias essas que podem ficar impregnadas no momento da sua criação (especialmente no caso de obras de arte ou de artesanato), ao longo da sua permanência em dado ambiente e dono, os tipos de pensamentos a ele dirigidos por quem o observa, etc. Por exemplo, uma peça de arte que tenda a gerar ondas de pensamento negativas por parte de quem a observa, torna-se um objecto irradiador de más influências ao longo do tempo. O mesmo se pode dizer de um quadro com elementos sórdidos e que o próprio artista quando o concebeu estava impregnado por más influências e pensamentos e desejos baixos. E se um dado objecto foi alvo de adoração e/ou posse por parte de uma pessoa obsidiada ou que se dedicava a práticas negativas esse objecto poderá ser transmissor de energias negativas. Um livro, por exemplo, emite energias advindas dos seus autores e das idealizações e concepções associadas à sua criação, bem como energias emitidas por quem o leu. E um CD de um filme de terror, por exemplo, tem nele impregnado as emoções negativas (medo, sadismo, etc.) de quem o visionou e as intenções que estão na sua origem; e até mesmo uma página da Internet, tão virtual que parece ser, mas também deixa transparecer as energias dos seus autores e da mensagem veiculada.

Por tudo isto é preciso ter algum cuidado com os objectos que se adquiram, especialmente se forem em segunda mão, se representarem imagens ou episódios negativos e pouco dignificantes, se tiverem sido escritos, pintados, esculpidos, etc., por indivíduos de alguma forma ao receptivos às forças trevosas ou se contiverem inscrições ou símbolos mágicos.

Mas felizmente que a grande maioria dos objectos vulgares, industriais ou não, concebidos e produzidos por pessoas comuns e sem especiais intenções negativas não representam qualquer perigo particular dum ponto de vista espiritual, pois não absorveram em nenhum momento particular energias resultantes de estados emocionais intensos e negativos: momentos de ira, violência, medo, de pensamentos destrutivos, maléficos ou desejos de baixo nível <sup>2</sup>.

Um palavra também deve ser dita quanto às fotografias, sempre vínculos aos que nelas estão retratados, como tão bem exemplifica o seu uso em obras de feitiçaria. E no caso de pessoas falecidas mais cuidado deve ser tido, não devendo estar expostas aos olhares, pois são sempre um vinculo que costuma ser negativo para ambas as partes.

E por fim, uma ressalva quanto ao uso de talismãs ou amuletos, cujo uso e eficácia não pode ser negado em certos casos, mas cuja concepção ou escolha deve ser muito criteriosa, especialmente se contiverem fórmulas ou símbolos que poderão encerrar significados e influências geradores de efeitos secundários desconhecidos do fabricante ou do seu utilizador, pelo que é sempre de evitar adquirir um talismã ou amuleto com inscrições desconhecidas a alguém que não seja muito experiente ou não seja um exemplo visível de elevação espiritual.

Qualquer objecto, mas especialmente certas pedras preciosas ou metais, quando correctamente purificados/desmagnetizados e carregados de energias positivas podem constituir talismãs eficazes e benéficos. E embora o maior talismã deva ser a própria pessoa, espiritualmente centrada e fortificada, se não se ficar na dependência de um objecto, correndo-se o risco de se cair na superstição e acentuar a fragilidade interior, é compreensível que, de forma semelhante ao uso de umas muletas no caso de uma perna partida, também um talismã possa ter um efeito benéfico na vitória sobre uma certa situação de fragilidade, se o seu uso for por um período curto e não de forma duradoura.

Um talismã, à semelhança de todos os objectos ritualísticos e religiosos, na realidade, não passa de um mero acessório, auxiliando na concentração das energias mentais ou devocionais a um nível que o seu utilizador ainda não consegue fazer sem o seu recurso. Quando uma mente e demais corpos suprafísicos estão bem desenvolvidos e afinados, qualquer objecto se torna dispensável, como é ilustrado pelos discípulos de Cristo e por diversas outras pessoas de outras religiões, épocas e locais geográficos, que apenas usavam ou usam as mãos ou a palavra para concretizarem os seus propósitos.

---

<sup>2</sup> Para mais informações relativas às diferentes influências que podem estar presentes em objectos e muitas situações do quotidiano, entre outras, consultar a obra O Lado Oculto das Coisas de C. Leadbeater.